GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia*: uma modernidade possível. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. Ministério da Integração Nacional / Universidade Federal de Goiás, 2002.

WILTON MEDEIROS*

Na mesma medida em que o trabalho de Alexandre não é um primor de teorização, o é de pesquisa e análise documental. E é também inédita a sua busca por inserir interstícios apagados pela ameaça de configurar-se o tempo próximo do presente como sem *status* de "tempo histórico". Nesse sentido, o trabalho de Alexandre é quase heróico e um feito de cidadania na medida em que dá existência social, por meio da publicação, a aspectos vivos da lembrança do passado da cidade. Quantas cidades já foram seriamente pesquisadas no recorte temporal dos anos 1950, 1960? Poucas.

As constantes modificações que Goiânia sofreu nos anos 1950 e 1960 são fartamente descritas, demonstradas e ilustradas. Dessa maneira, é possível visualizar como um mapa se forma. E como se tece um tecido urbano. E quais os atores envolvidos no processo de tecitura. E quais as circunstâncias que os circundavam.

Apesar de ter iniciado seu livro afirmando que "o entendimento da cidade como um complexo espaço dinâmico que abriga em seu interior uma estrutura social permeada de contradições e conflitos e que sofre, por este motivo, constantes modificações" (p. 17), vejo na construção dessa "modernidade possível" uma acuidade muito maior com os fios que delinearam essa malha urbana que se formou nos anos 50-60, do que propriamente aos conflitos e contradições sociais que a ela deram sentido.

* Arquiteto e mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade Católica de Goiás (UCG).

Disso resulta a construção de um olhar técnico sobre a cidade. Cabe aqui muito mais uma explicação sobre a forma técnica da malha da cidade do que uma interpretação sobre conflitos e contradições presentes em seus aspectos morfológicos. É por isso que grande parte de fatos, atores e interpretações do âmbito político, cultural e social não é apresentada da forma como surgem topógrafos, arquitetos e engenheiros. Diante disso ocorre uma certa "dificuldade" em conceituar a cidade (p. 20), haja vista que a História Urbana deve ser praticada "como o lugar de encontro de várias ciências que estudam a cidade" (p. 19).

Na mesma medida em que a "Modernidade possível" é pouco interdisciplinar, é satisfatoriamente urbanística. O livro é na verdade uma história do urbanismo praticado em Goiânia entre as décadas antes citadas. É um mapeamento do crescimento da cidade. É uma seqüência de citações da construção de um discurso técnico como justificativa para um tipo – possível – de modernidade. É como se estivesse dizendo: podemos considerar que houve uma modernidade porque houve técnica.

A modernidade aqui não passa por Benjamim, Weber ou Boudelaire. O enfoque é sobre o crescimento morfológico do corpo urbano, não aos seus descompassos sociais. É interessante observar a aplicação da teoria da centralidade resgatada da Escola de Chicago, e, como indicado e repetido várias vezes, pode ser referencial para futuras pesquisas nessa linha tecnicista.

As demonstrações e explicações descortinam uma cidade já submersa por vagas de outros tempos modenizantes. Revelam no lócus de Goiânia a face de uma escola urbanística pouco coesa e rasa, nervosa em seus descompassos com as configurações políticas preponderantes, longe de qualquer traço de genialidade ou adesão a uma teoria urbana – exceto no caso do Setor Sul. Posso acrescentar, apenas como comentário, que nenhum desses técnicos apresentados por Alexandre participou do concurso para o plano piloto de Brasília – apesar da enorme proximidade geográfica com o Lago Paranoá!

Em meio a uma total ausência de textos explicativos ou memoriais por parte dos autores dos projetos urbanísticos, que pudessem ser matéria de aprofundamento a respeito de uma teoria de sustentação do desenho e do traçado urbano, de todo modo, uma Goiânia é descortinada. Uma outra Goiânia é possível. Visualizável a partir do tipo de modernidade consubstancializada em seus bairros. Dessa forma, apenas pelo discurso técnico dos mapas é possível entender como surgiram as vias e lotes que viriam a transitar a virtude e a desordem; estes, sim, dão a forma final e presente da cidade.

Especialmente ao apresentar o surgimento e o desenvolvimento do Setor Sul, há o mérito da exposição da genealogia dos aportes históricos e teóricos a respeito das "cidades-jardins", desde Ebenezer Howard.

Para se entender melhor essa modernidade construída a nanquim, régua e compasso em Goiânia é exigido do leitor um conhecimento prévio a respeito desses bairros e lugares que permanecem no presente. O livro explicita como surgiram esses bairros, especialmente as circunstâncias em que foram produzidos os desenhos de suas vias e lotes, por meio de personagens pouco conhecidos, ou mesmo desconhecidos até por goianienses, como Ewald Janssen, Gustavo Vilhelm Aderup, Werner Sonnemberg, Salvador Batalha, José Neddermeyer, Jorge Félix de Souza. Trata-se de uma história local. Uma genealogia da morfologia local. Trata-se de pinturas que retratam personagens pouco conhecidos, mas cujas habilidades possibilitaram de todo modo uma modernidade profissional.

Alexandre revela uma nova verdade e novos fatos sobre Goiânia. Os traços de seus "ilustres desconhecidos" surgem tão fortes para uma modernidade a contragosto, que, ao fim, um personagem tão distinto para a história do urbanismo no Brasil, como Attílio Correa Lima, é obrigado a ser diluído e praticamente desfigurado. Logo no início, na página 32, está claro que um dos objetivos do livro é reavaliar a importância do engenheiro Armando de Godoy e de outros técnicos, de tal modo que "de acordo com esta reavaliação seria mais correto considerar que a autoria do projeto original da cidade foi resultado de um esforço coletivo".

Mapeando os quatro cantos da cidade a partir de outras centralidades como Campinas, por exemplo, seria na verdade a modernidade que se figurou durante duas décadas que na realidade foram vinte anos sem planejamento: essa modernidade estudada, seria então, de fato, o resultado de um "desplanejamento urbano".

> As décadas de 1950 e 1960 podem ser caracterizadas como um período em que o planejamento urbano não foi valorizado e a cidade ficou à mercê do surgimento de loteamentos particulares que não tinham preocupação com o restante da cidade. [...] A falta de uma lei de zoneamento e de uma legislação adequada ocasionou a desordem e a mistura de usos, que prejudicaram principalmente as residências e o meio ambiente. (p. 145)

Há dois aspectos presentes com indubitável competência na "modernidade possível" de Alexandre: uma história dos bairros de Goiânia e uma contribuição para a história do urbanismo em Goiás. Uma história urbana (possível) feita sobretudo por atores e autores, ainda que não vislumbremos ou reconheçamos, pelo menos por enquanto, nenhuma obra-prima, mas somente uma obra possível.